

## Como cápsulas de amor preservadas em poemas

Quando comecei a escrever para Nestor, para agradecer a ele o presente da poesia — os três livros de Renato Rezende com que ele um dia me presenteou —, lembrei-me de que já fazia tempo que aquelas cápsulas de poesia haviam chegado às minhas mãos e que eu as lera, lentamente, não-todas, não somente pelo medo do que estava encontrando ali, mas exatamente pelo medo de perder aquilo que estava encontrando ali: um poeta. Porque a poesia, sabemos, não é alimento para todo dia. E um poeta, não é a toda hora que o encontramos.

Depois o tempo passou, o “mundo iluminado” escureceu, veio a “combustão”, veio o “fundo amor”. E encontrei de novo Renato em meio às “ruínas”: “Algo me prende ainda/à vida/e espero que passe./Algo me prende à vida/—é o amor/e a arte;/e espero que logo passem.”

Foi quando, talvez, Renato me escreveu, perguntando se ficaríamos em contato. E eu respondi a ele, de maneira breve: “já estamos em contato”.

Talvez seja então a isto que possamos reduzir a poesia: a uma cápsula de amor preservada em poemas. Porque o amor, sabemos, se é ele que nos prende à vida, ele também passa, “como nada mais passa na vida, nada, exceto

ela, a vida” (Marguerite Duras). Mas restam as cápsulas, pequenos nadas, a construir “uma ruína para a palavra amor” (Manoel de Barros).

Então, quando me vi escrevendo para Nestor para agradecer as cápsulas de poesia com que ele havia me presenteado, vi que estava escrevendo também para o poeta, aquele com quem eu já estava em contato mesmo antes de conhecer. E, de repente, lembrei de um antigo livro de poemas — o primeiro, se não me engano, da poeta e psicanalista Maria Rita Kehl — *O amor é uma droga pesada*.

E tive vontade de dizer palavras de Renato para Renato:

“O amor se faz, entre lágrimas e beijos, mas o gozo  
muito intenso surpreende, tem tal força  
que é bem mais que a triunfante satisfação  
da expectativa dos nossos desejos, dispensa  
paradoxalmente a presença da amada, o rosto  
delicado e adorado, o corpo com suas bocas  
adoradas, olhos, membros, beijos e abraços.  
Eu não acreditava, mas agora  
O outro deixa de ser, estou só, e o amor voa solto  
Finalmente sem asas ou amarras”.

Sim, Renato, é preciso admitir que o amor volta solto, finalmente sem asas e sem amarras. E que estamos, nesse voo, irremediavelmente sós. Mas o que fazer, então, quando encontramos “O Anjo na Calçada”? “Douradas, rosas azuis/na calçada/duas pétalas de flor/como asas/borboleta/crucificada.”

Diante da borboleta crucificada e suas pétalas de flor, suas asas esmagadas, só nos restam — àqueles a quem cabe a dura tarefa de escrever o mundo insuportável, o imundo — as *borboletras*.

E então, Renato, só me resta colher as suas *borboletras* e com elas escrever, na pena de Clarice: “Um mundo fantástico me rodeia e me é. Ouço o canto doido de um passarinho e esmago borboletas entre os dedos. Sou uma fruta roída por um verme.”

O mundo há de ter complascência por um verme que rói uma fruta que esmaga borboletas. Ou por uma borboleta esmagada por uma fruta roída por um verme. Mas os poetas, companheiros dos vagabundos, não se contentam em rastejar. Um deles, um dos que mais amo — Hölderlin — disse-me que gostaria de ser como um cometa e ensinou-me que a responsabilidade do poeta é ir mais além.

Vejam, Nestor e Renato, que comecei escrevendo para vocês e escrevo agora — já que é do “mais além” que se trata —, para a Escola da Letra Freudiana, essa escola que abriga, também para os poetas, um “Lugar”.

Assim, não se furtando, mas também não se restringindo, à discussão da teoria e da clínica psicanalíticas, abre-se à apresentação do “caso poético”. Celebremos o evento e ajudemos a sustentá-lo. Façamos das cápsulas de poesia também o nosso *pharmakós*.

Belo Horizonte, 8 de novembro de 2010.

Lucia Castello Branco